

## CATEGORIA

Notícias

## CITAÇÃO

Rev. Ciência Elem., V13(02):036.

[doi.org/10.24927/rce2025.036](https://doi.org/10.24927/rce2025.036)

## EDITOR

João Nuno Tavares

Universidade do Porto

## EDITOR CONVIDADO

Jorge Canhoto

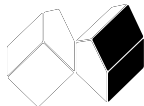
Universidade de Coimbra

## COPYRIGHT

© Casa das Ciências 2025.

Este artigo é de acesso livre, distribuído sob licença Creative Commons com a designação [CC-BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite a utilização e a partilha para fins não comerciais, desde que citado o autor e a fonte original do artigo.

[rce.casadasciencias.org](https://rce.casadasciencias.org)



## A Invenção da Biologia

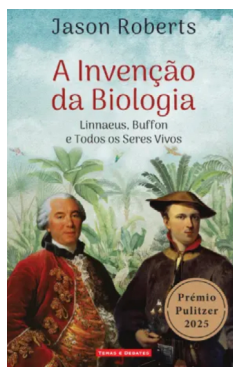


FIGURA 1. Livro "A Invenção da Biologia", de Jason Roberts.

Neste livro, editado pela Temas e Debates, Jason Roberts – autor norte-americano distinguido com um Prémio Pulitzer – conduz-nos, com rigor científico e um humor refinado, pelas vidas paralelas de dois gigantes da história natural: Lineu e Buffon. Tão geniais quanto opostos, o acaso fez com que os seus caminhos se cruzassem, e o resultado foi uma rivalidade deliciosa, marcada por ironias e pequenas vinganças botânicas. Como recorda o autor, Lineu chegou mesmo a batizar uma planta frágil com o nome genérico *Buffonia*, num gesto que pretendia sublinhar as ambições algo frágeis de Buffon em se tornar um botânico de renome. Ambos nasceram em 1707, mas o destino levou Lineu uma década mais cedo, em 1778. Médico de formação e católico fervoroso, acreditava na narrativa bíblica da criação. Buffon, pelo contrário, via os organismos como dinâmicos e em transformação – uma visão que talvez refletisse a sua própria impetuosidade e o gosto pela vida boémia. Entre festas, paixões e rixas, envolveu-se em vários duelos, especialmente em Angers, a universidade que escolhera por ser a

mais distante de Dijon, onde estudara direito na academia jesuíta. Lineu legou-nos o sistema binomial, que trouxe ordem ao caos da classificação dos seres vivos; Buffon, por sua vez, lançou as sementes do pensamento evolucionista que mais tarde inspiraria Lamarck e Darwin.

## Museu do medronho



FIGURA 1. Museu do medronho.

O medronheiro (*Arbutus unedo* L.) é uma ericácea amplamente distribuída em Portugal, embora seja particularmente abundante na zona Centro – entre Coimbra e Castelo Branco – e nas serras algarvias de Monchique e do Caldeirão. Os frutos maduros, de um vermelho intenso, podem ser consumidos frescos, mas a sua principal utilização é na produção da aguardente de medronho. O medronheiro e o medronho têm um museu. Não fica no Algarve nem nas Beiras, mas sim em pleno Alentejo, junto à povoação de Alqueva, que dá nome à conhecida barragem. Melhor do que uma visita [online](#) é mesmo ir ao local, onde uma interessante exposição revela as particularidades da planta e do fruto, bem como as suas principais aplicações. É ainda possível assistir à produção da aguardente de medronho através de uma visita guiada à destilaria, e adquirir mel de medronheiro, conhecido pelo seu sabor “amargo” característico. Isto, para além de vários artigos alusivos ao medronheiro na respetiva loja. A

visita ao museu pode ser complementada com um passeio pelo montado, onde se pode desfrutar da vida selvagem típica da região e admirar imponentes sobreiros e azinheiras. Não muito longe dali fica a Vidigueira, bonita vila alentejana, conhecida pela produção de alguns dos melhores vinhos alentejanos – e, arrisca-se dizer, de Portugal.

até à ecologia florestal passando por aspectos culturais e socio-económicos. O projeto é uma iniciativa da *The Navigator Company*, tem a coordenação técnico-científica do *Raiz – Instituto de Investigação da Floresta e do Papel* e a coordenação editorial de Cristina Marques e Tânia Sofia Oliveira.

## **florestas.pt**



FIGURA 1. florestas.pt.

Em Portugal temos várias épocas: caça, lampreia, banhar, futebolística, só para citar algumas e, claro, a época dos incêndios, onde jornalistas inebriados pelo fumo e cerebralmente encandeados pelas quentes e intensas luzes, disparam banalidades e comentários, que ultrapassam a velocidade (como eles dizem) do próprio fogo. É também por essa altura que centenas de especialistas em floresta despertam da letargia mental e inundam as televisões, jornais, rádios e redes sociais, quais drosófilas atraídas por fruta fermentada. Passada a época dos incêndios, designação que se não fosse trágica, seria no mínimo anedótica, talvez valha a pena visitar a página online da iniciativa [florestas.pt](https://florestas.pt). Aí pode encontrar informação atualizada e cientificamente validada sobre a floresta portuguesa, nas mais diferentes vertentes, deste a floresta de produção